

O VERBO “DEPARAR” E SEUS PROBLEMAS DE REGÊNCIA

Rogério CHOCIAY*

RESUMO: O presente artigo focaliza a regência do verbo deparar, tanto na prática dos escritores de todos os tempos quanto nas opiniões de gramáticos e lexicógrafos que a estudaram.

UNITERMOS: Língua Portuguesa; regência; regência verbal; deparar.

O VERBO E O MAGISTER DIXIT

Perguntou-me um colega, há alguns anos, se era aceitável a regência “deparar-se com”. Apanhado de surpresa, acionei o quanto pude a memória e respondi-lhe que “deparar-se com” me parecia regência usual não apenas no discurso corriqueiro, mas também no discurso culto; nada via, portanto, que pudesse impedir tal emprego. Dizendo partilhar da mesma opinião, confidenciou-me então meu colega que seu orientador lhe tinha suprimido todos os “deparar-se com” da primeira redação da tese, sob acusação de “regência vulgar, incompatível com o discurso acadêmico”. E autorizara a alternativa “deparar com”.

Decepcionado por não ter encontrado, naquele momento, argumentos mais sólidos com que municiar meu colega para um eventual debate com o orientador, tratei, em seguida, de consultar o *Dicionário de Verbos e Regimes* (6, 187-8), obra que, apesar de muito contestada por estudiosos da atualidade, é ainda primeira e obrigatória leitura no campo da regência verbal portuguesa. De fato, ao focalizar o verbo, Francisco Fernandes nem mesmo de passagem menciona a regência “deparar-se com” entre as seis que aceita e exemplifica (identifico os exemplos de Fernandes pela letra *D* e por algarismos, para facilitar a remissão ao longo deste artigo):

D.1 Meu filho, Deus *deparará* uma vítima para o seu holocausto. (Figueiredo, *Gênesis*, 22, 8)

* Departamento de Letras Vernáculas – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP – 15055 – São José do Rio Preto – SP.

- D.2 Tenho consumido a mocidade sem *deparar* uma dessas mulheres de fibras flexíveis. (Camilo, *Felicidade*, 86)
- D.3 E pedia ao padre Santo Antônio, com muitas lágrimas, que lhe *deparasse* a cabra perdida. (Camilo, *Novelas*, II, 106)
- D.4 Abri os *Lustadas* à ventura, *deparei* com o canto IV e pus-me a ler. (Garrett, *Viagens*, II, 10)
- D.5 Ainda até ao presente se não havia *deparado* livro tão útil e cabal como este é. (Castilho, *apud* C. Figueiredo, *Lições Práticas*, I, 71)
- D.6 Nada se me *depara* que autorize o asserto. (Rui, Q. do Império, I, LIII)

Contrastando os exemplos acima, percebe-se que o verbete atribui a *deparar* três acepções básicas, independentes do tipo específico de regência e assim definidas por Fernandes: a) fazer aparecer de repente (exemplos D.1 e D.3); b) topar, dar com (D.2 e D.4); c) aparecer, apresentar-se (D.5 e D.6). Nos dois primeiros exemplos *deparar* é transitivo direto, diferenciando-se por ser em D.1 unipessoal e em D.2 onipessoal; no terceiro, transitivo direto e indireto; no quarto, indireto. O quinto e o sexto exemplos apresentam o verbo como *pronominal* (termo este de uso generalizado entre gramáticos e lexicógrafos, embora, a rigor, nada diga da transitividade, mas apenas do fato de que o verbo é acompanhado ordinariamente de pronome átono cuja função sintática se torna às vezes difícil de verificar). A diferença entre o quinto e o sexto exemplos está na presença, neste, de um complemento indireto (*me*).

De modo bastante esquemático, já que não interessa a este artigo o refinamento da análise neste nível, pode-se dizer que os exemplos dados por Francisco Fernandes peculiarizam seis diferentes regências (sirvo-me de *x* para representar o complemento direto e indico a preposição que introduz o indireto): a) D.1: *deparar x*, “fazer aparecer de repente” (verbo unipessoal); b) D.3: *deparar x a*, “fazer aparecer de repente” (verbo unipessoal); c) D.2: *deparar x*, “topar, dar com” (verbo onipessoal); d) D.4: *deparar com*, “topar, dar com”; e) D.5: *deparar-se*, “aparecer, apresentar-se”; f) D.6: *deparar-se a*, “aparecer, apresentar-se”. Nesta seqüência, identifica-se como D.7 a regência “*deparar-se com*”, não mencionada pelo lexicógrafo.

Ora, o *Dicionário de Verbos e Regimes* toma por base textos escritos; ou, mais especificamente, textos de escritores consagrados. Considerando-se que sua primeira edição é de 1940 e que houve acréscimos até a quarta (1954), percebe-se que tal obra alcança apenas parcialmente a realidade do uso, mesmo a realidade do uso escrito. Deste modo, o fato de não registrar D.7 não implica necessariamente a inexistência desta, mesmo na época abrangida por sua coleta de dados; nem tampouco que tal regência seja “incorreta”, conceito este, aliás, bastante discutível, principalmente no domínio da regência.

O verbete de Francisco Fernandes é uma espécie de tentativa de conciliação das opiniões que filólogos, gramáticos e lexicógrafos portugueses e brasileiros, desde o século passado, têm manifestado a respeito da regência de *deparar*. A ausência de menção a “*deparar-se com*” no *Dicionário de Verbos e Regimes* responde simples-

mente ao fato de que tais estudiosos, em sua grande maioria, tampouco a mencionaram. A pesquisa de seus pontos de vista, porém, embora tenha frustrado minhas expectativas iniciais, acabou por revelar alguns fatos bastante curiosos, sendo o principal deles a verdadeira ojeriza que alguns puristas nutriram pela regência “deparar com” (D.4) e também por “deparar *x*” com verbo onipessoal (D.2).

O primeiro exemplo dessa ojeriza pude observar num manual de que me servi ainda nos primeiros bancos escolares: o *Potuguês Prático*, de Marques da Cruz (4, 246). Afirma o autor, ao comparar as construções “Deparei com o João” e “Deparou-se-me o João”:

“Encontra-se *deparar com* num e noutro escritor, mas todos reconhecem que o certo é que *as cousas se nos deparam*, ou *Deus*, ou *à sorte no-las depara*”.

A regência de *deparar* estaria reduzida, segundo este parecer, a D.1, D.3, D.5 e D.6. O autor (empregando o mesmo exemplo de estudiosos mais antigos, como se observará adiante) reconhece haver escritores que empregam D.4, mas condena sumariamente a regência, e nisto revela uma atitude autoritária disfarçada sob o indefinido *todos*: “todos reconhecem que o certo é...”. Trata-se, *mutatis mutandis*, da mesma atitude do orientador que condenara a meu colega o emprego de “deparar-se com”, embora sem apresentar argumentos consistentes. *Magister dixit!*

O “todos” de Marques da Cruz corresponde, na verdade, a figuras de ilustres gramáticos e lexicógrafos, como Morais, Cândido de Figueiredo e João Ribeiro. Este, em sua *Grammatica Portugueza* (18, 185), condena não apenas D.4 (deparar com), mas também D.2 (deparar *x*, com o verbo onipessoal), sem contudo apresentar qualquer justificativa para tal:

“*Deparar* é também transitivo: Santo Antonio *depara* (faz aparecer) as cousas perdidas. *Deparou-se-me* um livro. É incorreto dizer: *deparei com* o livro – ou – *deparei* o livro, ainda que se encontrem exemplos d’esta incorreção em Filinto Elysio e outros”.

João Ribeiro, como se nota, aceita apenas as regências D.1, D.3, D.5 e D.6. Idêntico posicionamento assume o português Cândido de Figueiredo em suas *Lições Práticas da Língua Portuguesa* (8, 61-2), sendo no entanto muito mais severo no condenar “deparar com”:

“Agora *depararmos nós com* qualquer objeto ou com qualquer pessoa é locução rejeitada pelos puristas mais intransigentes. Entretanto, encontramos-la em Garrett, o que não quer dizer que seja vernaculíssima, porque o nosso grande escritor, salvo o devido respeito, cometeu na mocidade várias... precipitações, que não somos obrigados a acatar cegamente”.

Como Marques da Cruz e João Ribeiro, Cândido de Figueiredo (a primeira edição de seu livro é de 1891) assume o argumento de autoridade, a partir do qual se permite até mesmo corrigir postumamente o jovem Garrett por suas “precipitações”.

Na verdade, João Ribeiro e Cândido de Figueiredo se estribavam no parecer do

dicionário de Moraes, em cuja edição de 1844 (21, I, 582) pode-se ler:

“Este verbo não se usa de comum nas primeiras pessoas. *Deparar* por *encontrar* é desusado: ‘a passagem com que *deparei*’ é um erro: ‘o que o acaso, ou a minha diligência me *deparou* é o correcto modo de falar’ ”.

Este é, provavelmente, o nascedouro da opinião que os puristas tão ardorosamente defendiam. O verbete condena o emprego onipessoal de *deparar*, o que levou os pósteros, na esteira do mestre, a aceitar apenas os empregos unipessoal e pronominal do verbo. É preciso observar, no entanto, que a segunda edição do dicionário de Moraes, feita ainda pelo próprio autor, em 1813 (20, 531-2) não continha tal condenação, mas a simples descrição das acepções e da regência D.3 do verbo. Neste verbete, aliás, Moraes insere pelo menos dois exemplos literalmente copiados do monumental *Vocabulário Portuguez e Latino* de Bluteau (3, III, 67), publicado exatamente cem anos antes da segunda edição do Moraes.

O parecer expresso na quinta edição do Moraes, todavia, não recebeu a adesão de todos os estudiosos da época. Eduardo de Faria, em seu *Novo Diccionario da Lingua Portuguesa* (5, I, 1030) replica no verbete *deparar*:

“Moraes affirma que é desusado, e que semelhantes locuções são erros. Constâncio affirma o contrario, firmado no uso constante da gente culta da Lisboa e de todo o Portugal, que diz a cada passo, *deparei com elle*. Vieira disse ativamente *deparar cousas perdidas*, por achar; hoje todos dizem: *deparar com cousas perdidas*”.

Era natural, portanto, que as opiniões de João Ribeiro e Cândido de Figueiredo, em fins do século passado, além de muitos seguidores fiéis, tivessem também alguns críticos. Um destes foi o maranhense Heráclito Graça: desdenhando o *magister dixit*, foi pesquisar os textos dos escritores à cata das regências do verbo, encontrando dados que contrariavam as opiniões dos mestres. Embora não tenha podido consultar o livro de Heráclito Graça, encontro-o citado na *Sintaxe de Regência* de Carlos Góis (11, 65-6). Segundo este, Heráclito Graça alinhou duas principais razões para a legitimidade de “deparar com”. A primeira é a presença dessa regência em escritores consagrados, fato a que os puristas procuravam não dar muito destaque. Deste modo, Heráclito aponta: três ocorrências em Castilho, vinte e nove em Filinto Elísio, nove em Garrett, uma em Camilo Castelo Branco e muitas outras em escritores da época. A segunda razão, também defendida por Carlos Góis (11,65): a existência, relativamente comum em português, de construções correlatas do mesmo verbo em que se observa “curiosa deslocação do sujeito a objeto e vice-versa (verdadeira metátese regencial)”. Góis, que situa o fenômeno entre os casos de *dupla regência*, exemplifica com verbos como *admirar* (Admirei tua coragem / Tua coragem admirou-me), *repugnar* (Os homens repugnam pedir / Pedir repugna aos homens), *deparar* (Deparei com João / Deparou-se-me João), etc.

Como se observa, a explicação de Heráclito Graça e de Carlos Góis, mais que um argumento, representa uma hipótese estabelecida com base na correspondência de construções de diferentes verbos. A força maior de sua opinião, no entanto, reside no

fato de que, ao alinhar numerosos exemplos de “deparar com” de escritores consagrados, antigos e modernos, Heráclito Graça punha em xeque o argumento de autoridade dos puristas, demonstrando, com simplicidade, que tal regência apresentava um uso extenso e já consolidado muito antes que os estudiosos entrassem em pendengas a respeito.

Cândido de Figueiredo, em outra obra (9, 82-4), tentou refutar a crítica de Heráclito Graça, mas o fez ainda escudado na autoridade dos puristas e nos subterfúgios de atribuir “pecadinhos” aos escritores que empregaram a regência por ele rejeitada.

Bem mais próximo de nossa época, o filólogo luso Vasco Botelho do Amaral, em seu *Glossário Crítico de Dificuldades do Idioma Português* (2, 506-9), retoma o tema e critica a intransigência do Cândido de Figueiredo, opinando que “é da índole da nossa expressão idiomática a variedade das regências” e que “só ao bom gosto pertence decidir a escolha” entre elas. Na seqüência de sua argumentação, sugere a analogia com *encontrar* e *dar com* para justificar os empregos que João Ribeiro e Cândido de Figueiredo haviam condenado. A mesma justificativa de analogia é apresentada por Antenor Nascentes em *O Problema da Regência* (16, 148). Para Nascentes, “há quem condene o uso pessoal, mas o fato é que a língua viva o aceita e até com a regência *com* por influência ideológica a de *encontrar*”. “Língua viva” pode traduzir-se, neste trecho, por “emprego comum, disseminado e consolidado”, e neste sentido a afirmação de Antenor Nascentes faz eco à de Faria (5, I, 1030) há pouco citada, e também à de Rodrigo de Sá Nogueira em texto originalmente publicado em 1928 (17, 182):

“Deparamos com alguma coisa, ou depara-se-nos alguma coisa? A segunda construção é mais correta. Em todo o caso, a primeira vai criando rafzes”.

Diferentemente dos que discutem a procedência ou não desta ou daquela regência de *deparar*, um estudioso da atualidade, Artur Schwab, em seu livro *Louçanias de Linguagem* (19, 89), focaliza o aspecto estilístico da regência unipessoal do verbo. Schwab, que em seu estudo busca apresentar e exemplificar “as mais belas construções da língua”, dedica uma página inteira à regência mencionada, dizendo tratar-se de uma “das galantes acepções” desse verbo. Sugere que, em tal caso, *deparar* pode substituir, com vantagem estilístico-expressiva, verbos como “ministrar, apresentar, proporcionar, mostrar”. Para comprovar seus argumentos, anota sete exemplos de escritores consagrados. Neste verdadeiro elogio das regências D.1 e D.3, Schwab não assume o purismo radical e intransigente de Cândido de Figueiredo, mas busca demonstrar-se um “cultor do idioma”, buscando sintonizar o “encanto”, a “beleza” de construções e torneios e servindo-se desse “encanto” e dessa “beleza” como argumentos didáticos. É com esta postura que recomenda a prática de D.1 e D.3, sendo curioso, a este respeito, observar que Schwab, em seu próprio discurso, no mesmo livro, não atualiza a regência que elogia, mas “deparar-se” (uma vez) e “deparar-se a” (três vezes).

Vale lembrar, neste ponto, que, de todas as fontes consultadas durante a pesquisa, apenas duas, uma do passado, outra da atualidade, fazem referência concreta e direta

a “deparar-se com”. A primeira delas é o livro *Regimes de Verbos* de José F. Stringari (22, 74-5), publicado em 1936. Enumera Stringari, ao focalizar o verbo *deparar*, as regências D.2, D.3, D.4 e D.7, ilustrando esta última com exemplo retirado de outro dicionário:

“*Deparei-me com* uma pessoa, *com* uma coisa (Dic. de Vieira)”.

Outra novidade de Stringari é a exemplificação de uma regência até aqui não descrita em outras fontes (identificá-la-ei por D.8): “deparar *x a*” com verbo onipessoal (e não unipessoal, como D.3, forma autorizada pelos puristas). O exemplo apresentado por Stringari adquire maior representatividade pelo fato de ser de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (13, 34):

“Conheces de sobejo tudo o que eu te deparei menos torpe ou menos aflitivo: o alvor do dia, a melancolia da tarde, a quietação da noite, os aspectos da terra, o sono, enfim, o maior benefício das minhas mãos”.

A segunda fonte é o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (7, 537). A menção a “deparar-se com” no verbete adquire especial destaque por ser a única regência com exemplo abonado, sendo forjados todos os demais. Eis a exemplificação que Aurélio apresenta (indico os tipos de regência entre parênteses):

1. O acaso depara muitas vezes a felicidade. (D.1)
2. Na curva da estrada deparamos um lago belíssimo. (D.2)
3. Seus livros nos deparam passagens penetrantes. (D.3¹)
4. Deparei com ele quando passeava (D.4)
5. Deparou-se-me uma rara ocasião de iniciar o negócio. (D.6)
6. “E deparou-se com um jovem forte, alto, de grande beleza.” (Clarice Lispector, *A Via-Crucis do Corpo*, p.95) (D.7)

Aurélio não menciona D.5 (“deparar-se”), talvez por ser esta regência facilmente previsível a partir do exemplo de D.6. Por outro lado, ao forjar a terceira frase, tinha a intenção, ao que tudo indica, de exemplificar D.3 (emprego unipessoal de “deparar *x a*”); no entanto, ao pluralizar a terceira pessoa (“Seus livros nos deparam”), fato que não se verifica em nenhum dos numerosos exemplos encontrados nas fontes consultadas, acabou produzindo uma frase de D.8, com a mesma regência, portanto, da de Machado de Assis há pouco exemplificada. Com relação, finalmente, ao exemplo de Clarice Lispector, o fato de ser a única frase abonada do verbete parece uma prova que o lexicógrafo antecipa à eventual discordância de algum leitor purista.

AS REGÊNCIAS E O USO

Ao longo do tempo em que as opiniões dos estudiosos eram localizadas e con-

trastadas, conforme ficou exposto acima, iniciei e encerrei um levantamento de frases (excluídas todas aquelas dadas como exemplo por gramáticos e lexicógrafos) que revelassem o emprego efetivo do verbo. O objetivo era óbvio: verificar em que medida a ausência de menção a “deparar-se com” em dicionários e estudos específicos sobre o verbo correspondia a uma ausência de emprego em situação de discurso, tanto no plano da escrita como no da oralidade. Deste modo, obtive, de 1985 a 1989 (inclusive), quarenta e sete frases extraídas de jornais, livros técnicos, obras de ficção e de poesia, teses acadêmicas, artigos de revistas especializadas, diálogos de filmes (dublagem), noticiários e entrevistas de televisão. Tal coleta, evidentemente, foi efetuada ao sabor de minhas leituras e atividades diárias, de modo que acabou privilegiando textos da atualidade, como se pode verificar no quadro abaixo, em que se distribuem as regências por décadas e se faz a totalização dos exemplares coligidos:

REGÊNCIA	DÉCADAS							TOTAL DA REGÊNCIA
	80	70	60	50	40	30	10	
D.5 Deparar-se		1	1					2
D.2 Deparar x		1	1	1		1	2	6
D.6 Deparar-se a		3	1	1	1	1	1	8
D.4 Deparar com	5				2	2		9
D.7 Deparar-se com	17	3	1			1		22
TOTAIS	22	8	4	2	3	5	3	47

Embora não tenha havido a mesma carga de textos em todas as décadas (nossa leitura privilegiou as de 80, 70 e 30), os números deste quadro trazem algumas revelações. A primeira, e mais importante, é a ocorrência apenas de “deparar com” (cinco vezes) e “deparar-se com” (dezessete vezes) nos textos da década de oitenta, exatamente a que teve maior carga de leitura: as demais regências caso fossem mesmo usuais, forçosamente estariam representadas de 1980 a 1989. É interessante notar, pois, que a atualidade privilegia justamente as duas regências não acatadas pelo puristas. Esta constatação ganha importância com o fato de as regências por eles aceitas e recomendadas como “corretas” ou “legítimas” ou “vernaculíssimas” (D.1 e D.3) simplesmente não aparecerem entre as quarenta e sete que recolhemos.

Particularmente com relação a “deparar-se com”, objeto deste estudo, fica evidente que o emprego crescente e sistemático ocorre nas décadas de setenta e oitenta, e que o predomínio maciço em oitenta faz desta regência o padrão de emprego do verbo na atualidade. Isto fica mais patente quando arrolamos as regências por frequência decrescente: *deparar-se com*: 22; *deparar com*: 9; *deparar-se a*: 8; *deparar* x (verbo onipessoal): 6; *deparar-se*: 2. Este fato comprova que o uso efetivo de

deparar não sofreu influência das opiniões e pressões dos puristas; a regência por estes defendida se encontra, neste momento, em franco desuso. É o que parece ter percebido Schwab, citado há pouco, ao fazer verdadeira apologia do emprego de D.1 e D.3.

Outro ponto de chegada desta pesquisa é a verificação de que existem mais regências de *deparar* do que anunciou Francisco Fernandes. Eis o rol obtido, exemplificado com frases, respectivamente, de Frei Luís de Sousa, Antonio Feliciano de Castilho, Lima Barreto, Machado de Assis, Jorge Amado, Artur Schwab, Oswaldino Marques e Fernando Morais:

- D.1 *Deparar x* (verbo unipessoal): “Não era bem que estivesse prevenido, se Deus *deparasse* alguma boa ocasião para o que ele, Arcebispo, determinava fazer”. (*apud* Schwab, 19, 89)
- D.3 *Deparar x a* (verbo unipessoal): “A ocasião que me hoje o céu *depara*, se a deixasse fugir...” (*apud* Schwab, 19, 89)
- D.2 *Deparar x* (verbo onipessoal): “... e não sei por que, quando *deparei* os três poetas *samoiedas*, me deu vontade de entrar no botequim e tomar parte na conversa deles”. (12, 42)
- D.8 *Deparar x a* (verbo onipessoal): “Conheces de sobejo tudo o que eu te *deparei* menos torpe ou menos aflitivo”. (13, 34)
- D.4 *Deparar com*: “Ia tropeçando pela rua, não encontrava ninguém, no cais *deparou* com o homem de anelão falso e, à falta de outro, lhe explicou sua teoria”. (1, 283)
- D.5 *Deparar-se*: “Sainete especial se *depara* em frases tais, onde o infinito que se acompanha de toda a oração de que é núcleo...” (19, 94)
- D.6 *Deparar-se a*: “Ao *deparar-se-nos*, de novo, o vocábulo nuclear, impossível nos é deixar de aparentá-lo com um desses dragões da iconografia chinesa”. (14, 43-4)
- D.7 *Deparar-se com*: “Abriu a porta e *deparou-se* com dois policiais”. (15, 30)

A observação atenta desta série de exemplos permite concluir que D.8, embora com verbo onipessoal, tem o mesmo sentido que D.1 e D.3 (fazer aparecer de repente). A comparação entre D.3 e D.8, de resto, faz pensar que talvez a propalada unipessoalidade de *deparar* tenha sido mais uma ilusão dos puristas, reforçada pela insistência em exemplos estereotipados, do que propriamente um dado real de uso. Neste caso, D.3 e D.8 seriam uma e mesma regência, sendo o verbo onipessoal, e assim também no caso de D.1. Machado de Assis, como vimos, não hesitou em empregar o verbo como D.8, e neste caso não cabe dizer, como Cândido de Figueiredo a respeito de Garrett, que se tratou de “pecadilho” da juventude.

A realidade do uso nos últimos trinta anos parece ignorar D.1, D.3 e D.8, mantendo ativas apenas D.2, D.4, D.5, D.6, e D.7, com nítida preferência para D.7. Este

fato, todavia, não implica que as inusuais devam ser rejeitadas como coisa do passado: isto seria retomar, às avessas, a atitude autoritária dos puristas. Diferentemente, também, dos que se firmam num ponto de vista sincrônico rígido, que querem que todos os fatos da língua tenham a exclusividade dessa óptica, e que o próprio ensino de língua privilegie a sincronia, creio firmemente que a Língua é também uma instituição histórica, e que os fatos diacrônicos não são despiciendo, quer para o estudo científico, quer para o ensino. A regência é, em particular, um dos domínios da língua em que o aspecto diacrônico mais se faz influente. Neste sentido, descrever os regimes verbais ou nominais de um ponto de vista exclusivamente estático pode até ser uma façanha da modernidade, mas de duvidosa serventia.

Ante a variedade, confirmada neste artigo, da regência de *deparar* e do modo como se foi estabelecendo no tempo, apesar da resistência dos puristas, ousou afirmar que não existe uma regra específica ou uma fórmula-padrão para a formação das diferentes regências de um verbo em português. O exame dos numerosos esquemas regenciais que muitos verbos acumulam (v.g., *lembrar*, *esquecer*, *argüir*, etc.) faz pensar antes em processos de analogia e de entrecruzamento que operam mais ou menos aleatoriamente no curso do tempo, tanto no plano propriamente sintático como no semântico e em ambos simultaneamente. Se isto é verdade, tornam-se baldados os esforços dos puristas, quando tentam fixar o uso apenas das formas por eles consideradas “genuínas”; e assim também dos modernos descritivistas, quando tentam trabalhar apenas sobre o que está no campo imediato da observação. Para qualquer deles será muito difícil provar com argumentos convincentes que esta ou aquela regência deste ou daquele verbo é “incorreta” ou “inaceitável”. Talvez seja possível demonstrar que o *se* de “deparar-se com”, à vista de “deparar com”, seja excrescente e desnecessário de um ponto de vista lógico. Mas a língua não é pura lógica. Neste sentido, andou muito certo Heráclito Graça quando demonstrou que o uso disseminado e continuado, por si só, inviabiliza os pareceres dos gramáticos.

Uma última consequência, de ordem didática, pode ser ainda mencionada neste final de trabalho. O contato entre o presente e o passado da língua, veiculado pela escrita, é um fato que não admite margens a dúvidas, particularmente no domínio da Literatura, onde o passado freqüentemente retorna revestido de novidade. Nesta linha de pensamento, o melhor exemplo que esta pesquisa encontrou na prática da regência não vem de um literato, mas de um sociólogo: Gilberto Freyre. Este, no *Casa Grande e Senzala*, emprega quatro vezes o verbo *deparar*: duas com a regência D.4, “deparar com” (10, I, 219; II, 506), uma com a regência D.6, “deparar-se com” (10, II, 430) e uma com a regência D.2, “deparar *x*” (10, II, 476). Com estes empregos, Gilberto Freyre, afamado sociólogo e excelente escritor, nos mostra na prática que o acúmulo histórico de regências constitui um tesouro de que qualquer usuário se pode servir, particularmente na escrita, com lucro estilístico e expressivo.

CHOCIAY, R. – The verb “Deparar” and its problems of syntactical regimen. *Alfa*, São Paulo, 34: 175-185, 1990.

ABSTRACT: The present paper focuses the syntactical regimen of the verb deparar (flash into view; come upon) both in the practice of writers of all times and in the opinions of grammarians and lexicographers who studied it.

KEY-WORDS: Language, syntactical regimen; verb regimen; flash into view / come upon.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMADO, J. – *Terras do sem fim*. 30a. ed. São Paulo, Martins, 1973.
2. AMARAL, V. B. do – *Glossário crítico de dificuldades do idioma português*. Porto, Livraria Simões Lopes, 1947.
3. BLUTEAU, R. – *Vocabulário português e latino*. Tomo III. Coimbra, Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1713.
4. CRUZ, J. M. da – *Português prático*. 27a. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.
5. FARIA, E. de – *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2a. ed. Rio, Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1859.
6. FERNANDES, F. – *Dicionário de verbos e regimes*. 4a. ed., 8a. impressão. Porto Alegre, Globo, 1963.
7. FERREIRA, A. B. de H. – *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2a. ed. Rio, Nova Fronteira, 1986.
8. FIGUEIREDO, C. de – *Lições práticas da língua portuguesa*. Vol. I, 10a. ed. Lisboa, Livraria Clássica, 1954.
9. FIGUEIREDO, C. de – *Problemas de linguagem*. Vol. I, 4a. ed. Lisboa, Livraria Clássica, 1928.
10. FREYRE, G. – *Casa grande e senzala*. 2 vols. 9a. ed. Rio, José Olympio, 1958.
11. GÓIS, C. – *Sintaxe de regência*. 5a. ed. Rio, Francisco Alves, 1959.
12. LIMA BARRETO, A. H. de – *Os bruzundangas*. São Paulo, Brasiliense, 1961.
13. MACHADO DE ASSIS, J. M. – *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo, Mérito, 1962.
14. MARQUES, O. – *Laboratório poético de Cassiano Ricardo*. Rio, Civilização Brasileira, 1962.
15. MORAIS, F. – *Olga*. São Paulo, Alfa-Omega, 1986.
16. NASCENTES, A. – *O problema de regência (regência integral e viva)*. Rio, Freitas Bastos, 1944.
17. NOGUEIRA, R. de S. – *Questões de linguagem*. 1a. parte. Lisboa, Livraria Clássica, 1928.
18. RIBEIRO, J. – *Grammatica portuguesa*. 15a. ed. Rio, Francisco Alves, 1909.
19. SCHWAB, A. – *Louçanias de linguagem*. Juiz de Fora, Esdeva, 1973.

20. SILVA, A. de M. – *Diccionario da lingua portugueza*. Tomo I. 2a. ed. Lisboa, Typographia Lacérdina, 1813.
21. SILVA, A. de M. – *Diccionario da lingua portugueza*. Tomo I. 5a. ed. Rio, Typographia de Antonio José da Rocha, 1844.
22. STRINGARI, J. F. – *Regimes de verbos*. Niterói, Escolas Profissionais Salesianas, 1936.